



ENSAIO TEÓRICO: UM NOVO OLHAR PARA ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS AULAS DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Rachel Bonfim da Silva

Júlio Cesar Albino Marins

Secretaria de Educação do Maranhão (SEDUC);

E-mail: rachelbonfim@uol.com.br

Resumo: O propósito deste trabalho é apresentar a importância de termos formação continuada para as docentes-pedagogas das séries iniciais no âmbito da disciplina de ciências, bem como buscar um novo olhar para se trabalhar com o tema transversal orientação sexual numa perspectiva diferente da biológica. O lócus escolar é repleto de situações que sempre tem representados grandes desafios para nós educadores em geral, que possui um extenso conteúdo, e ainda precisamos abarcar a maioria dos temas transversais nesse mesmo currículo. Por entender a escola como um espaço sócio-histórico-cultural em que as diferentes identidades se encontram e se modelam, caracterizando-se, portanto, como um dos lugares mais propícios e privilegiados para se educar como respeitar-se à diferença. Pretendemos também analisar a formação de professores da disciplina Ciências no Ensino Fundamental I, com o entendimento de que o tema gênero, identidade de gênero e orientação sexual devem ser considerados nas formações e práticas metodológicas escolares, como uma questão de cidadania e respeito ao currículo diversificado. Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica, documental e paralelamente a pesquisa-ação. O principal resultado, a princípio, foram a resistência em mudar o foco das aulas de orientação sexual na disciplina de ciências do biológico para o foco voltado para as questões da sexualidade e de gênero na perspectiva dos Estudos Culturais. Vale ressaltar que nossa pesquisa encontra-se em andamento.

Palavras-chave: Ciências, Orientação Sexual, Gênero, Ensino Fundamental I.



1-INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XXI, as temáticas gênero e sexualidade têm suscitado várias pesquisas que apontam para a necessidade de reconstrução da prática pedagógica dos docentes da educação em geral. Diversas angústias em sala de aulas, leituras e reflexões acerca desse tema são percebidas e outros questionamentos precisam ser elaborados e respondidos ao longo da pesquisa em questão. Faz-se necessário ampliar o olhar, pois o assunto é pertinente e de alguma forma novo ao se tratar de um tema que ainda é visto como tabu nas aulas de Ciências. Para tanto, precisamos que os professores revejam seus propósitos, seus valores e suas práticas metodológicas construídas ao longo da sua história da sua formação pessoal e profissional.

De acordo com Silva (2004, p 32), o atual contexto histórico nos obriga a perceber as constantes transformações que se processam cotidianamente na sociedade. Esse quadro aumenta as exigências em relação à educação/formação e, conseqüentemente, no que se refere ao profissional da educação e sua prática docente. Pensar formação e as práticas metodológicas escolares nessa sociedade em constante mudança exige reflexão sobre a função social da escola e da

prática

cotidiana dos professores.

De acordo com Jesus *et al* , (2006, p. 32) a sexualidade é um fantasma que ronda as cercanias e os interiores da escola e da própria sala de aula. A Orientação Sexual na escola deveria ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações sobre questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e os demais valores a ela associados. As políticas públicas voltadas para a formação e prática docente têm se preocupado com essas questões? De que forma? O momento é favorável para se discutir a formação docente nessa perspectiva do tema proposto, pois as últimas pesquisas sobre esse tema nos levam a perceber o quanto é urgente e fundamental esse debate e formações. Percebe-se que o ensino de Ciências na perspectiva da Orientação Sexual tem-se voltado apenas para os aspectos biológicos e DSTS (doenças sexualmente transmissíveis).

No seu labor, na escola, o professor encontra no seu dia-a-dia questões de sexualidade confrontadas com os conteúdos de Ciências. Além desse fato, cada aluno tem seu próprio entendimento em relação à sexualidade e questão afins. É natural a curiosidade, as indagações e comparações, das quais o docente não pode



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

esquivar-se sem dar resposta de acordo com as orientações pedagógicas em vigor.

Diante desses desafios, o docente deve aprofundar-se naquelas questões e rever suas práticas pedagógicas que serão desenvolvidas nas aulas de Ciências no Ensino Fundamental I.

Portanto, tal estudo nos dá oportunidade de repensar conceitos e teorias que respaldam nosso entendimento, ajudando-nos a contribuir na formação e prática docente, na perspectiva de apreender e aprender questões de gênero e sexualidade no contexto educacional e nas práticas escolares. Nesse bojo, analisaremos os Estudos Culturais e suas expectativas dos elementos da educação para a diversidade.

A real situação nas dificuldades de práticas metodológicas para trabalhar esse assuntos ainda são tabus nos fazem levantar alguns questionamentos a respeito desse tema, dentre eles, pode-se citar: Existe algum projeto escolar sobre esse tema transversal (Orientação Sexual) na disciplina de Ciências ou em outra disciplina? Existe alguma parceria da escola com alguma entidade de saúde/psicologia que contribua com palestras educativas? Quais? E como tem sido trabalhado? Como esse assunto é abordado no livro de Ciências nessa modalidade de ensino? É nessa perspectiva que se objetiva o presente artigo.

As questões citadas não são problematizações recentes, mas é interessante retomá-las, haja visto que inúmeros autores debruçaram-se sobre esse tema e nos ajudarão a compreender repensar metodologias pedagógicas no trabalho docente do seguimento em questão.

Consideramos que, de modo geral, a escola e corpo docente estão pouco preparados para lidar com as diversidades, e em especial as de gênero e sexual. Os gestores da educação e políticas públicas têm sido sensíveis a esses compromissos em todas as esferas e níveis nas modalidades de ensino. De acordo com Louro (1997), é importante considerar a transversalidade nas Políticas Públicas educacionais, pois estão implicadas em relações de poder, desigualdades, hierarquizações, construção de sujeitos, corpos e identidades nas mais variadas expressões. Apesar de toda a complexidade, as Políticas Públicas, não davam a devida atenção às questões relativas ao gênero e à sexualidade em suas proposições para os sistemas de ensino e para o processo educativo cotidiano das relações escolares.

2-METODOLOGIA

A pesquisa foi organizada com base nos pressupostos da pesquisa qualitativa. Para Bogdan e Biklen (1994), as principais características de uma pesquisa qualitativa



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

são: descrição, interesse pelo processo e não apenas pelo resultado da pesquisa, sendo o pesquisador o instrumento chave para o desenvolvimento de todas etapas, questionando-se o objeto de trabalho, a investigação e análise dos dados.

Paralelamente a essa pesquisa qualitativa, foi realizada a pesquisa-ação que é “um tipo de pesquisa com base empírica concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2009). Concomitantemente, fez-se pesquisa etnográfica buscando-se compreender a prática escolar cotidiana descrevendo-se as atividades de sala de aula e suas representações dos autores escolares. Vale ressaltar, porém, que não somente a descrição pela descrição trata-se de uma descrição a luz de um referencial teórico acerca das concepções relacionadas ao objeto de estudo definido pelo pesquisador.

Os instrumentos utilizados no estudo foram as observações e entrevistas com roteiro (semiestruturado) aliado a aplicação de questionários às professoras afim de coletar a percepção, a respeito de suas dificuldades com o tema sexualidade diante desse

processo. Posteriormente foram feitas palestras sobre o tema e debate em sala.

3-RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação de todos os envolvidos no processo desta pesquisa foi fundamental para a realização e o êxito do mesmo. Desde o planejamento de todas as ações, as observações, as entrevistas, as palestras, os debates. As entrevistas foram realizadas com as pedagogas do Ensino Fundamental Menor de duas Escolas Municipais em trabalham cerca de duas décadas com todas as disciplinas do currículo dessa modalidade de ensino e nunca haviam trabalhado o ensino de Ciências e as Orientações Sexuais nessa perspectiva. Essas professoras também não tiveram contato formal e conhecimento com as palavras gênero, identidade de gênero, homofobia dentre outros conceitos novos dos Estudos Culturais, além de poder ver e trabalhar o corpo de uma forma transdisciplinar.

O que temos percebido ao longo dessa pesquisa é a mudança de comportamento seguida da vontade das professoras de conhecer o novo, de mudar suas práticas metodológicas, de querer desenvolver trabalho significativo sobre esse tema, que como já mencionamos, ainda é tabu nas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

famílias e também na maioria das escolas. As professoras que participaram desta pesquisa tiveram liberdade de se expressar de forma natural e tranquila na hora das palestras, deixando de lado a vergonha e o medo de falar de sexo, sexualidade e gênero. Logo, essa receptividade veio contribuir muito para que nossa pesquisa tivesse sido aceito e bem desenvolvida pelas professoras/pedagogas destas escolas. A partir desses estudos as participantes se comprometeram em rever suas práticas pedagógicas e a partir de então mudar suas metodologias nas aulas de Ciências, bem como nas aulas de Orientação Sexual.

Vale ressaltar que a pesquisa continua sendo desenvolvida e realizada, depois dessa etapa pretendemos levar esse conhecimentos para outras escolas municipais, estaduais, e federais através de seminários, mesas redondas, debates e formação continuada dos professores.

4-CONCLUSÃO

O ponto de partida do presente artigo foi o estudo realizado na disciplina Diversidade da Aprendizagem do Mestrado de Ciências e Matemática da UFMA realizado no primeiro semestre de 2016. As minhas inquietações como professora de Ciências e Orientadora Sexual nessa mesma disciplina há cerca de 20 anos também serviram de

motivação para a pesquisa. A partir daí, me senti instigada a aprofundar a questão do tema sexualidade, gênero na disciplina de Ciências com o foco nas aulas de Orientação Sexual do qual eu ministro no Ensino Fundamental I tendo como parâmetro o cruzamento entre a educação, a sexualidade e a mulher professora/pedagoga em sua prática educativa voltada para educação sexual.

O viés dessa disciplina, os debates em sala, as leituras sobre os Estudos Culturais mesmo que ainda tímidos, foram determinantes para que eu pudesse conhecer mais e adquirir um novo olhar para as questões para então poder compreender melhor como se deu e como se dá a essa obrigação de sermos professoras de Ciências e ainda darmos conta de um dos temas transversais tão importante nos dias atuais que é Orientação Sexual para as crianças.

Faz-se necessário também entender a repressão sexual e a opressão que mulheres sofrem na sociedade, bem como e o porquê de muitas professoras/pedagogas, ainda hoje, se recusarem a tratar essa questão, seja na família, em sala de aula, nas igrejas ou mesmo participando de estudos de grupos científicos. Os conceitos construídos por Guacira Lopes Louro sobre as relações entre gênero, sexualidade e educação, além da Teoria dos Estudos Culturais, os PCN'S serviram de embasamentos teóricos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

metodológicos, nesse percurso. As representações dos objetos sociais se estabelecem e demonstram o compartilhamento de saberes, ideias e expectativas que podem ser devidamente divulgados e irradiados.

Ao nos debruçarmos neste estudo, buscávamos encontrar concepções gerais sobre sexualidade e as práticas educativas metodológicas e nos deparamos com o que procurávamos. Reconhecemos que tais representações permanecem fortemente condicionadas a normas puras de conduta e à materialidade biológica. Identificamos na História da Sexualidade e na História da Educação, os diversos mecanismos de controle social, dentre eles o religioso, o político e o escolar, que oprimem, reprimem e excluem a mulher/professora/pedagoga, tanto para a vivência de sua sexualidade de forma mais autônoma, como na construção de sua identidade profissional, neste caso no exercício do magistério.

Infelizmente a partir desse estudo e da nossa vivência em sala de aula confirmamos que embora os PCN's e os Temas Transversais, dentre eles a Sexualidade, tenham sido aprovados a duas décadas, ainda hoje é pouco discutido nas escolas. E, quando discutidos, trabalha-se apenas questões disciplinares, atuando como vigilância das práticas sexuais, de acordo com os ideais do

Estado e da sociedade, utilizando-se de seus diversos mecanismos, dentre eles a escola, para controlar o exercício da sexualidade, tratando apenas questões biológicas, como reprodução, aparelho genital e prevenção da gravidez precoce, as DST's e AIDS.

A escola se constitui em espaço de poder onde se fala em sexo e sexualidade, porém, nesse *locus* ainda é visto como tabu, valorizando-o como segredo, falando-se do assunto de maneira (re) velada. A educação sexual escolar, quando acontece, geralmente no terceiro ano, porque faz parte do conteúdo do livro didático de Ciências, apenas informa como se constitui anatomicamente a genitália feminina e masculina, suas funções biológicas e reprodutivas; destaca o uso de a prevenção da gravidez, das DSTs e da Aids.

Essas questões que devem ser discutidas, mas não isoladamente, devendo ser associadas a uma análise crítica, questionadora e global. Como a sexualidade é uma questão da própria sociedade, uma questão de cidadania, a educação sexual escolar deveria proporcionar uma reflexão voltada para as diferentes formas de manifestações da sexualidade humana e os lugares que estas manifestações ocupam na sociedade: o sexo, o prazer, o desejo, o medo, as angústias, as questões de violências domésticas, questões de homofobia, o corpo biológico, o corpo social, o corpo cultural, os



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sentimentos, a sensibilidade, os papéis e identidades sociais/sexuais.

É necessário conhecer a perspectiva histórica, social e cultural sobre a sexualidade humana para se analisar as questões atuais de forma crítica, e assim, se repensar o espaço da educação sexual escolar; refletindo e questionando preconceitos, tabus, interditos e valores postos que, numa concepção dos Estudos Culturais, foram construídos e acumulados em discursos nos últimos anos. É, portanto, urgentemente que os cursos de licenciaturas formem professores/pedagogas, em universidades e nas faculdades de educação voltados para um novo olhar para esses aspectos de gênero e da sexualidade.

Convém ressaltar que a análise apresentada neste artigo não visa esgotar todas as questões sobre as temáticas gênero e sexualidade, mas sim, contribuir para que se repense a prática educativa voltada à Educação Sexual e como ela vem sendo desenvolvida no âmbito escolar nessa modalidade de ensino.

A partir de todo o bojo expressado acima, pretendemos, a partir desta pesquisa, compartilhar os conhecimentos adquiridos através de seminários, debates, mesas redonda, e formação continuada para os professores na época das semanas pedagógicas realizadas em nossa cidade.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Formação continuada como instrumento de profissionalização docente.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Caminhos da profissionalização do magistério.** Campinas: Papyrus, 1998, pp 99-122.

BOGDAN, R.C; BIKLEN, N.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução á teoria e aos métodos.** Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JESUS, Beto de et. al. **Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens.** São Paulo: Ecos, Corsa, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. As mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** 5 ed. São Paulo: 2001.

_____. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social.** *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCELO, Carlos Garcia. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Tradução de Isabel Narciso. Porto/POR: Porto Editora, 1999.

MARIN, Alda Junqueira. (org.). **Educação Continuada:** reflexões, alternativas. Campinas/BRA: Papyrus, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitex/Abrasco, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 1985.